

O rumo das mudanças

Os dados divulgados nesta quarta-feira pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostrando que a desigualdade social no Brasil entrou no 12º ano consecutivo de queda, afiguraram-se por certo significativos na medida em que se verifica que o Índice de Gini chegou a 0,5190 em janeiro de 2012, ante 0,5377 em 2010, enquanto em 2001 a taxa era de 0,5957. Sabe-se que, segundo o referido índice, essa desigualdade é medida entre 0 e 1, sabendo-se que ela é tanto maior quanto o índice estiver mais próximo de um.

“O Brasil – segundo o economista Marcelo Neri, da FGV – está na contramão de sua história e de outros países emergentes e desenvolvidos. Estamos no menor nível de nossa história em termos de desigualdade”. Mesmo assim, como igualmente assinalou, “o País continua entre os 12 mais desiguais do mundo”.

Outro aspecto por ele posto em destaque é que a crise europeia não atingiu o bolso do brasileiro, na medida em que dados da pesquisa mensal de emprego, compilados pelo IBGE, revelam que o crescimento da renda per capita foi de 2,7% entre janeiro de 2011 e janeiro deste ano, enquanto a taxa média entre 2002 e 2008 também tinha sido de 2,7% e, entre maio de 2010 e maio de 2011, atingira 6,1%. A seu ver, aliás, apesar da diminuição do ritmo de crescimento da economia, “andamos muito bem debaixo das chuvas e trovoadas das crises internacionais”.

Outro dado não menos revelador, no conjunto das informações divulgadas, e de acordo com as estimativas feitas pelo economista da FGV, é que, após o ingresso de 40 milhões de pessoas na classe C, entre 2003 e 2011, mais 13 milhões de pessoas devem fazer parte da classe média brasileira até 2014, enquanto a classe AB, que incorporou 9,2

milhões de pessoas entre 2003 e 2011, deve somar mais 7,7 milhões de brasileiros entre 2012 e 2014.

“Já vimos – disse ele – o crescimento forte da classe média, e agora a classe que mais vai crescer é a classe AB, com expansão de 29,3% até 2014, enquanto a classe C crescerá 11,9%”.

Em relação ao Produto Interno Bruto do Brasil (PIB), que segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou aumento de 2,7% em 2011, ante 7,5% em 2010, enquanto a indústria amargou um crescimento de 1,6% – ante 10,4% em 2010 – constata-se que ficou abaixo da avaliação mediana dos analistas. Segundo o instituto, o PIB de 2011, em valores correntes, somou R\$ 4,143 trilhões.

A esse respeito, o coordenador de Contas Nacionais do IBGE, Roberto Olinto, admitiu que a indústria de transformação foi o que mais inibiu o crescimento do país: “Desde 2008, vivemos uma conjuntura de incertezas no mundo, e a economia brasileira teve que se reorganizar nessa era de incertezas. A demanda interna tem sido o sustentáculo do crescimento. Não dependemos tanto do setor externo”.

O presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, declarou por sua vez que a evolução dos indicadores segue “consistente com o cenário de convergência da inflação para a meta em 2012”, salientando, ademais, que “as perspectivas apontam intensificação do ritmo da atividade ao longo deste ano, em ritmo maior do que o observado no ano passado”. Estas as expectativas manifestadas pelas autoridades da área econômica, inclusive pelo ministro da Fazenda, para quem “a economia brasileira já está, a esta altura, em trajetória de crescimento maior do que no ano passado e vai se acelerar, atingindo seu ápice no segundo semestre”.